



O Sacerdócio

por
David W. Dyer

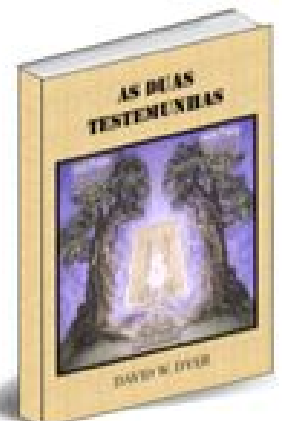
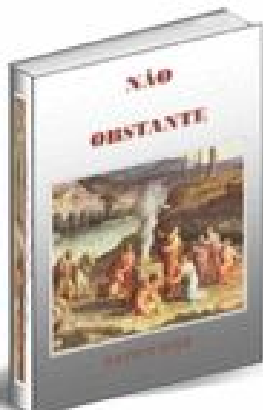
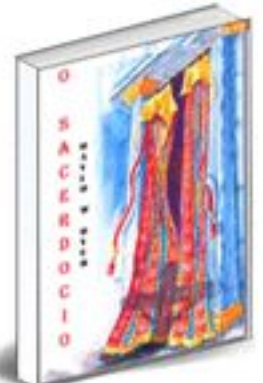
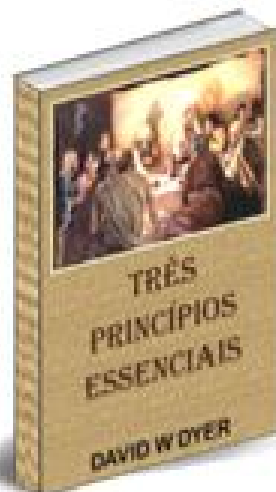
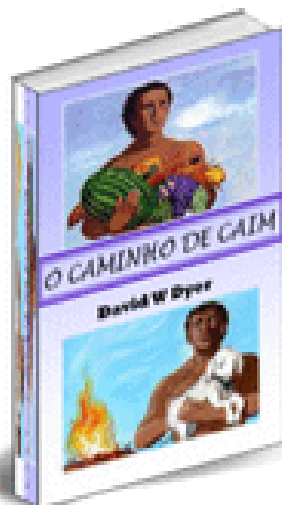
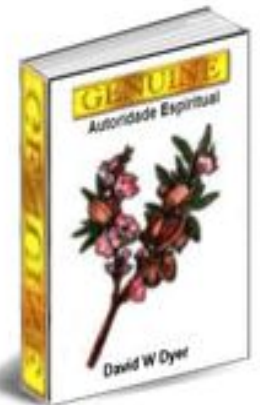
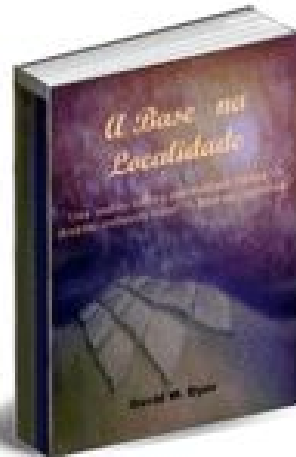
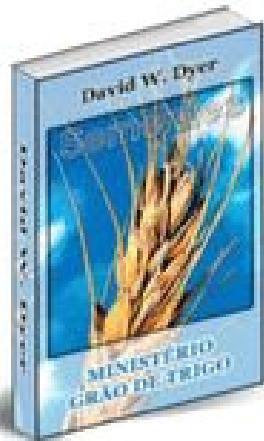
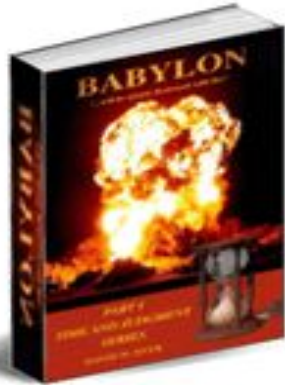
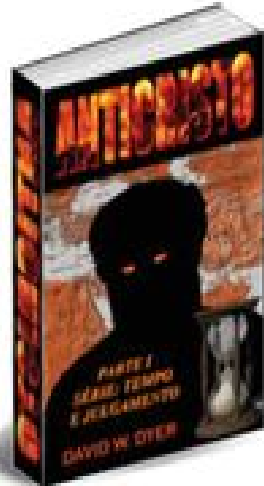
PUBLICAÇÃO: MINISTÉRIO GRÃO DE TRIGO

Todas as citações bíblicas foram extraídas da Tradução em Português de João Ferreira de Almeida, versão Revista e Atualizada no Brasil. As citações que fogem e essa regra são seguidas de indicações.

VITÓRIA

Outras Publicações Grão de Trigo:

(Acesso gratuito pelo site www.graodetrigo.com)



O Sacerdício

Quando, no século XVI, Martinho Lutero pregou suas 95 teses na porta daquele templo, acabava de iniciar o movimento que hoje conhecemos por “Reforma.” Sua intenção foi a de expor os erros da Igreja a trazê-la volta a Deus. Naqueles dias grande parte da revelação divina havia sido perdida. Muitos aspectos elementares da vida espiritual, tais como a salvação pela fé, hoje considerados certos e indiscutíveis, eram então desconhecidos. Deus, naquela época, usou Lutero para mostrar que o Cristianismo seguia por um caminho errado, contrário à Sua vontade. No entanto, muitos enganos e desvios do cristianismo não chegaram a ser notados por esse irmão e, à medida que passaram os séculos, Deus continuou a revelar outras verdades esquecidas, como, por exemplo, o uso e função dos dons espirituais e o verdadeiro significado da adoração e da santificação. O que se pode notar é que, desde o tempo de Lutero, tem havido um contínuo aumento das revelações divinas para o Seu povo.

Mas essa evolução ainda não terminou e prosseguirá até que Cristo venha em Sua glória. Por essa razão, devemos estar sempre prontos para receber a orientação de Deus e agir de acordo com o que Ele atualmente estiver nos revelando. A exposição que passo a fazer representa parte do que, segundo penso, Deus deseja restaurar nestes dias. Em verdade, não chega a ser algo de “novo.” Tampouco é minha própria e independente revelação. São aspectos compreendidos por muitos cristãos sinceros por pelo menos um século. Não obstante, como veremos, as tendências naturais do homem tornam tais verdades difíceis de praticar e preservar.

Desde o princípio os desejos de Deus para o homem são os mesmos. Ele anseia continuamente andar conosco em intimidade e doce comunhão. Era esse o Seu propósito ao criar Adão e ao chamar para Si os filhos de Israel e, por certo, é o seu desígnio hoje em relação à Igreja. Esse desejo amoroso tem em mira não só o corpo como um todo, mas também cada um de nós individualmente. A intenção de Deus é estabelecer conosco um relacionamento íntimo, o qual transformará nossa natureza e caráter, para serem como os Seus.

No início Deus trabalhou apenas com indivíduos, como Noé, Sete e Enoque. Posteriormente é-nos apresentada a idéia de “povo de Deus”, ao lermos a respeito de Moisés e dos Israelitas no deserto. Mas mesmo naquela época Ele não buscava apenas uma multidão de adeptos religiosos. Ao contrário, o que desejava ardentemente era um relacionamento pessoal e íntimo com cada um.

Já no começo, cerca de três meses após a saída do Egito, Deus falou a Moisés com relação aos Israelitas. Revelou sua intenção original e mais sublime para com eles. Disse Ele: “vós me sereis reino de sacerdotes...” (Ex. 19:6). Essa declaração demonstra o tipo de relacionamento que Deus pretende ter com cada um de nós. Ele planejou uma intimidade

que os qualificaria a estarem em pé em Sua presença e a desempenharem as funções sacerdotais. Entre elas incluía-se o ministrar a Ele em adoração e intercessão e, a seguir, ministrar a outras pessoas, a partir do que fluísse de Sua presença durante aqueles momentos. Seu plano não era simplesmente que aprendessem a seu respeito e, depois, se envolvessem periodicamente com algumas atividades religiosas. Nosso Deus desejava intensamente que seu povo o conhecesse e se relacionasse com Ele pessoal e intimamente.

Entretanto, é claro que os filhos de Israel fracassaram, não entrando nesse relacionamento com Deus. Quando Ele começou a aproximar-Se e a revelar-lhes Sua santidade no monte Sinai, afastaram-se Dele e transferiram a incumbência a um único homem, dizendo a Moisés: “Fala-nos tu, e te ouviremos; porém não fale Deus conosco, para que não morramos” (Ex. 20:19). “...O povo estava de longe em pé; Moisés, porém, se chegou à nuvem escura, onde Deus estava” (v. 21). O coração daquelas pessoas não estava correto para com Deus, e, por isso, quando Ele passou a falar-lhes, não puderam suportar. Exatamente naquele instante, abandonaram o nobre chamamento que Deus lhes fizera e estavam satisfeitos em deixar que outro indivíduo se relacionasse com Deus em seu favor. Em vez de se arrependem, depois de ouvirem as palavras sobre a justiça divina, e de permitirem que os limpasse, decidiram aumentar ainda mais a distância entre eles e Deus e acabaram por colocar um mediador que arcasse com toda a responsabilidade em seu benefício.

Esse afastamento do ideal divino logo produziu seus frutos. Enquanto Moisés gastava tempo na presença de Deus, o povo foi seduzido pelas próprias paixões. O relacionamento pessoal com o Criador era tão limitado, que logo estavam duvidando de Sua existência e de Sua capacidade para cumprir promessas feitas. A solução encontrada foi criar para si mesmos um deus impessoal, profano e de fácil manipulação - um deus que não os amedrontasse e cuja presença não exigisse algo que não conseguiam praticar. A essa ponto, Deus os abandonou quase totalmente e tornaram-se inaptos para andar de acordo com a Sua intenção original (Ex 32:9-10).

É provável que, por não haver o coração do povo em geral correspondido à Sua vontade, tenha Ele designado um grupo especial de sacerdotes. Talvez a tribo de Levi tenha sido escolhida porque estava pronta para ouvi-Lo, ao menos até certo ponto, bem como para executar Seus julgamentos (Ex 32:28). Vemos, portanto, que com a ordenação de um sacerdócio especial, para se aproximar de Deus pelo povo, a maioria da assembléia perdeu o privilégio de se tornar aquilo que seu Criador desejava que fosse. O sacerdócio levítico transformou-se numa espécie de obstáculo ou barreira, destinado a fazer Deus parecer mais remoto, de modo que se sentissem mais à vontade.

Uma descrição semelhante é encontrada no livro de I Samuel. Os filhos de Israel nunca haviam tido um rei até então. O pensamento de Deus era que fossem únicos entre os povos - um povo governado exclusivamente pelo Deus poderoso e invisível. Eles, contudo, rebelaram-se contra tal proposta. Para se adaptarem a essa forma de governo, era necessário que cada um deles mantivesse um relacionamento pessoal com Ele. Isso não era fácil, principalmente para o homem natural. Portanto, aquelas pessoas uma vez mais

rejeitaram os objetivos divinos e insistiram em ter um rei terreno. Desejavam por um líder palpável - um humano que pudessem enxergar, alguém que assumisse a responsabilidade de guiá-los, alguém que se colocasse entre eles e Deus. Samuel foi totalmente contrário a essa outra proposta. Mas Deus o confortou, dizendo: "Não se rejeitaram a ti, mas a mim, para eu não reinar sobre eles" (I Sm. 8:7).

Esse episódio nos traz para a situação de hoje. Não é de se espantar que haja grandes semelhanças entre os cristãos e o povo de Deus do Velho Testamento. A história da Igreja informa que, logo após a partida dos apóstolos, os líderes das igrejas começaram a obter um destaque cada vez maior. Bispos passaram a estender sua autoridade para além de uma cidade, por fim "cobrindo" regiões inteiras. Mais e mais ênfase foi colocada em posições religiosas e sobre a necessidade de submissão àqueles que as ocupavam. Essa tendência continuou através dos séculos até atingir seu apogeu com o aparecimento de chefes supremos, "infalíveis". Pouco depois, as Escrituras foram completamente arrancadas das mãos das pessoas e essa inclinação por um intermediário, sobre a qual estamos comentando, chegou à sua expressão mais intensa. Tal avanço não deveria nos surpreender e, a menos que se faça um esforço conjunto contra essa tendência humana e natural, todos os movimentos cristãos se deixam levar para essa direção.

Atualmente, embora o protestantismo tenha feito algum progresso, libertando-se da escravidão, das trevas e da idolatria encontradas no sistema do qual saiu, infelizmente ainda conserva alguns de seus erros. A despeito de as Escrituras ensinarem o sacerdício de todos os cristãos (I Pe 2:5,9), a maior parte do moderno cristianismo o nega na prática. O que vemos em grande parte hoje nas igrejas é o ministério de apenas um ou, quem sabe, de uns poucos indivíduos escolhidos, ao passo que a maioria permanece como passiva observadora.

Compreende-se perfeitamente o fato de geralmente não rotularem de "sacerdício" a condição reinante entre os grupos cristãos. Seria um termo manifestamente anti-bíblico. Em substituição, temos outros títulos, tais como os de pastor, reverendo ou ministro. Contudo, a função dessas pessoas é, normalmente, quase igual ao serviço desempenhado pelo sacerdote levita. São eles que "ouvem de Deus," transmitem a maior parte dos ensinamentos e do aconselhamento, cuidam da organização etc. É lamentável, mas a verdade é que em muitos casos o "pregador" é obrigado a fazer quase tudo.

Já que essa é a situação predominante nos grupos cristãos hoje em dia e, ao que parece, universalmente aceita, muitos, talvez, perguntarão admirados o que haveria de errado em tudo isso. Para chegarmos à resposta, devemos, primeiramente, abandonar nosso gosto e concepção pessoais e ter uma reverência genuína pelos interesses e objetivos divinos. Se o homem fosse a única parte em jogo nessa situação, nossa discussão não precisaria ser levada tão a sério. Acontece que estamos aqui procurando entender e satisfazer as exigências de Deus e, por essa razão, devemos abordar o assunto com acatamento e temor. Mas isso não é tudo. Deveria estar patente para nós que Suas intenções visam, também, ao nosso próprio bem. Em verdade, quanto mais enxergarmos a vontade de Deus, mais perceberemos que Suas diretrizes e exigências não objetivam apenas Sua

própria conveniência mas, destinam-se, igualmente, ao nosso eterno benefício.

O plano de Deus para a Igreja é duplo. Primeiro, Ele nos instruiu a levar as boas-novas até aos confins da terra. Em segundo lugar, quer que sejamos transformados na Sua imagem. Pois bem, se formos cumprir essas instruções total e eficazmente para atingir tais objetivos, precisaremos antes ser pessoas íntimas de Deus! Cada um de nós tem de entrar num relacionamento próximo e pessoal com o Criador e preservá-lo. Todos fomos convocados para ser sacerdotes. Desse relacionamento, então, brotará o ministério sacerdotal, permitindo que os desígnios de Deus sejam atingidos.

Jamais deveríamos depender de líderes ou de indivíduos dotados, para darem conta de tudo. Não deveríamos apoiar-nos em organizações internacionais, nem em animadas campanhas. Todos nós arcamos com uma parte dessa responsabilidade. A verdade é que se não estivermos ativamente engajados no trabalho de ministrar aos outros, quer pela pregação do evangelho, quer pelo exercício de nossos talentos espirituais, já caímos no erro. Deus espera que cada um de Seu povo esteja empenhado em seu trabalho. Somos todos ministros e todos fomos chamados e ordenados por ele para realizar um trabalho do serviço sacerdotal até a sua volta (Jo. 15:16).

Quando Jesus Cristo ascendeu ao Pai, deu dons à sua Igreja. Esses talentos ou dons espirituais não foram só a uns poucos escolhidos, mas a todos (I Co. 12:7). Cada função e cada parte é vital, à semelhança do que acontece com nossos diferentes órgãos e membros. Quando uma parte aparentemente pequena ou insignificante não está funcionando normalmente, todo o resto sofre. Dá-se o mesmo com a Igreja hoje. Quando todo o trabalho é feito pelos superdotados, talentosos ou treinados, existe uma grande perda para o Corpo de Cristo e para Deus. Deveríamos nos interessar seriamente por essa verdade. Pouco importa o que você pensa de si mesmo ou de suas habilidades espirituais. Também não têm importância as diferenças existentes entre você e os demais. Mesmo aqueles que possuem um só talento são e serão solicitados por Deus a usá-lo ao máximo (Mt. 25:14-30). Se nos acovardarmos, comparando-nos com outros, ou se ficarmos temerosos e não fizermos nada, teremos de prestar contas um dia ao nosso Criador. Temos, é certo, o privilégio, mas também a séria responsabilidade de descobrir diante de Deus a que trabalho Ele nos chamou a realizar, para então começar-nos a aprender pelo Espírito Santo a nos exercitar na função que nos foi confiada.

Sem esse tipo de ministério, não cresceremos adequadamente. Sim, talvez obtenhamos algum progresso-principalmente no início - mas, para que de fato atinjamos a maturidade, nós mesmos precisamos começar a ministrar. A medida que dermos, mais nos será dado. Trata-se de uma lei espiritual. Se somos meros recebedores - semana após semana escutando de outros que gastaram seu tempo na presença de Deus - nosso conhecimento provavelmente aumentará, mas nossas vidas não serão mudadas. Essa é a infeliz condição de muitos e muitos na Igreja de hoje. Temos nossos "super-astros," talvez famosos e ocupados dia e noite, mas temos igualmente a "maioria passiva" a depender de outros para a realização do trabalho.

As conseqüências danosas desse fenômeno às vezes não estão evidentes à primeira

vista, principalmente numa organização “bem lubrificada;” contudo, elas estão ali ocultas. Um sem número de reuniões cristãs estão repletas de bebês espirituais superalimentados que permanecem inativos. Eles vêm semanalmente para receber e imaginam que, porque ouvem uma boa mensagem, estão bem com Deus. Não raras vezes, entretanto, tais indivíduos ainda possuem pecados escondidos e sérios desvios de caráter. Ao procurarmos servir aos outros, essas falhas ficam expostas. Quando começamos a ministrar, percebemos o quanto nossas vidas precisam de transformação e isso nos estimula a buscar o Senhor para nos libertar. Se desejamos verdadeiramente avançar em direção à maturidade, é essencial que todos nos tornemos sacerdotes-sacerdotes que estejam exercendo suas funções na casa de Deus.

O ministério espiritual não tem como finalidade apenas o nosso crescimento, mas também o progresso dos demais. Não importa quais sejam as suas funções espirituais no corpo, existem sempre pessoas que precisam do que você tem. Quer seja uma pequena ou grande porção, é absolutamente indispensável. Em algum lugar, entre os cristãos que você conhece ou no mundo à sua volta, existem pessoas para as quais sua porção é muito importante. Por exemplo, os cristãos com quem você se relaciona podem estar buscando aquela porção específica de discernimento espiritual que você possui. É possível que muitos que você conhece estejam sofrendo porque você não reservou em tempo para orar por libertação, nem deu atenção às suas necessidades. É sempre mais fácil criticar ou fazer fofocas, do que orar ou auxiliar.

Sua porção é certamente essencial para o crescimento e bem estar espiritual dos outros. Deus a entregou a você por causa deles, sendo, portanto, importante exercitá-la. Em Sua sabedoria, nosso Pai construiu a Igreja de tal sorte que cada membro depende dos demais. Assim sendo, para que “todos cheguemos” à maturidade (Ef. 4:13), a colaboração de cada parte é indispensável.

A esta altura, alguém perguntaria: “qual é o papel dos líderes?” Sem dúvida a liderança tem base nos ensinamentos bíblicos e é necessária para uma condição saudável da igreja. Muitas vezes, entretanto, é também mal compreendida. O papel do líder é liderar. Isso não significa dominar ou controlar os outros, mas sim tomar a dianteira e avançar! Os demais irão notá-lo e segui-lo. As palavras “presidir” e “guias” encontradas em I Tm 5:17 e Hb. 13:7, 17 e 24, da tradução de Almeida, talvez tenham sido a fonte de muitos mal-entendidos. Estas palavras vêm do grego PROESTEMI e deveriam ser traduzidas como “posicionar-se antes” ou “preceder”. O encargo de um verdadeiro líder não é o de dirigir a igreja, mas sim o de auxiliar os outros a cumprirem o seu ministério, crescendo em tudo o que Deus lhes preparou. Tais líderes são facilmente reconhecíveis, pois sempre terão como prioridade os interesses e o progresso espiritual dos outros. “Os reis dos povos dominam sobre eles, e os que exercem autoridade são chamados benfeitores. Mas vós não sois assim; pelo contrário, o maior entre vós seja como o menor; e aquele que dirige seja como o que serve” (Lc. 22:25-26).

Os líderes que estão apenas alimentando a si mesmos (edificando seu próprio ministério, forrando seu próprio ninho financeiro etc.) e, como conseqüência, mantendo

passivos aqueles que estão sob seus cuidados, enfrentarão o julgamento divino. Os que se exaltam e impedem o progresso dos demais, objetivando a sua própria segurança e autoridade, enfrentarão juízo ainda mais severo. A verdadeira liderança sempre será levantada por Deus. Se for resultado apenas de instrução teológica, de designação para um cargo ou de ambição pessoal, por certo se constituirá num obstáculo para o progresso espiritual.

A organização religiosa e rígida pode também ser um empecilho para o cumprimento dos desejos de Deus. Dar conta de todas as tarefas ou manter as pessoas ativas não representa maturidade espiritual. Em verdade, até os que não crêem conseguem organizar com eficiência. A tarefa à mão não consiste em ter grandes prédios, ministérios “bem sucedidos” ou pessoas comparecendo às centenas. Tudo isso pode ser alcançado sem que a vontade de Deus tenha jamais sido atendida. Em Seu plano, a programação humana é substituída por ministérios espirituais, levantados por Ele em nosso meio. Planos futuros decorrem de sua orientação e a autoridade organizacional ou posicional é substituída pela verdadeira autoridade, que é espiritual. Quando fazemos as coisas à Sua maneira, as pessoas não são simplesmente encaixadas numa determinada tarefa a ser realizada. Por exemplo, precisamos de alguém que cuide das crianças ou que dê os avisos. Em lugar de solicitarmos voluntários, deveríamos agir de outro modo: o ministério de cada um é primeiramente descoberto, para depois serem incentivados naquela função específica.

Porém, se as reuniões cristãs que você frequenta se desintegrassem por completo caso as coisas fossem feitas na forma mencionada, tal obra não chega a ser um trabalho realmente espiritual. Só pode ser uma organização humana, a qual não está cumprindo os propósitos divinos, mas apenas conformando-se aos padrões do cristianismo atual.

Talvez você esteja se reunindo com um grupo de cristãos onde inexistente qualquer encorajamento ou oportunidade para que você cresça em sua função. É provável que nesse grupo a experiência seja a de ter “um homem em evidência” ou de ter tudo tão organizado sem a orientação do Espírito que grande parte da vida divina já se foi. O seu talento pode estar sendo negligenciado, mal utilizado, ridicularizado ou desencorajado. Nada disso, contudo, poderá servir de desculpa à passividade. Quando você estiver diante do Rei, já não haverá ninguém mais para levar a culpa pelo descumprimento de suas funções sacerdotais.

Considerando que Deus o preparou e chamou, Ele também irá prover uma forma de você começar a servir. Por exemplo, você poderá orar em qualquer lugar, a toda hora. Você pode proporcionar ajuda material sem precisar de uma permissão “oficial.” Pode ensinar e aconselhar. Quando você realmente começar a agir na função para a qual Deus o designou, as portas se abrirão diante de você e as pessoas reconhecerão a mão divina em sua vida. Provavelmente tudo começará vagarosamente a princípio e poderá até parecer pequeno e insignificante (Zc. 4:10). Todavia, à medida que você exercitar os talentos que Deus lhe deu, fiel e diligentemente, estes crescerão e você igualmente crescerá.

A vontade de Deus é que sejamos para Ele reino de sacerdotes. Somos todos seus profetas (Ap. 1:5-6 e I Co. 14:1,31). Cada um de nós possui um ministério para ser

desempenhado e serviços espirituais para realizar, os quais ninguém mais conseguirá levar a cabo da mesma forma que nós o faríamos. Quando aparecermos perante Ele, teremos de prestar contas de nossas obras (Ap. 2:23). Naquele dia, aquilo que realizamos testificará a nossa verdadeira condição espiritual. Não poderemos dizer que não conhecíamos as necessidades ou que não estávamos qualificados. Lembre-se que o mesmo Deus que operou poderosamente nos apóstolos e profetas vive também em cada um dos Seus filhos. Ele é capaz de fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos se apenas O obedecermos. Precisamos encarar com seriedade essas considerações.

Pensem em nossas próprias vidas e vejamos se somos trabalhadores realmente ativos para o nosso Rei ou somente passamos de passivos observadores. Teríamos acaso estabelecido uma distância “segura” entre nós e Deus e deixado que outros assumissem a responsabilidade em nosso lugar? Ou será que nos retraímos em decorrência do medo ou da incapacidade humana e permitimos que outros realizassem o trabalho? Em caso positivo, paremos por um momento e arrependamo-nos diante Dele. Entreguemos novamente toda a nossa vida a Deus. Digamos-lhe que, de agora em diante, estamos totalmente dispostos a nos tornar um vaso para o Seu serviço. Depois disso, à medida que Ele nos dirigir, cooperemos com ele diligentemente em sua vinha.

DAVID W. DYER

Publicações & Sinopse

Livros:

De Gloria Em Gloria: a transformação da alma

Este livro traz uma abordagem séria e uma nova perspectiva para muitos conceitos ensinados na Igreja evangélica de nossos dias. Você encontrará tópicos que além de profunda reflexão, abrirão espaço para uma compreensão muito mais ampla do que provavelmente você ouviu até agora. Se você tem fome de conhecimento de Deus e um coração aberto e sincero para receber Sua verdade, temos total confiança que Ele usará este livro para revelar-se de maneira mais completa e poderosa a você.

Venha o Teu Reino: Na Terra Como no Céu

Este livro não é simplesmente mais uma investigação sobre as profecias referentes aos últimos dias. Ao invés disto, é uma discussão a respeito de um aspecto do evangelho de Jesus Cristo muito negligenciado: o Evangelho do Reino. Na igreja atual, inúmeros crentes estão completamente ignorantes sobre a importância do Reino Milenar que virá, e sobre o impacto que este Reino deve ter em suas vidas atuais. Estes escritos pretendem preencher esta lacuna. Este livro foi escrito na expectativa de que todos que amam Jesus e estão em busca de conhecê-Lo mais profundamente, possam achar, aqui, muitos benefícios.

Anticristo

O vindouro aparecimento do Anticristo e o estabelecimento de seu reinado têm sido matéria de veementes discussões ao longo da história da Igreja. Em nossos dias, que parecem apontar para a conclusão desta era, tal discussão tem se tornado ainda mais importante.

Entretanto, muito do que é ensinado não está em harmonia com as Escrituras. Algumas idéias, que têm sido tão insistentemente recorrentes, e por tanto tempo, não se ajustam a muitos versículos proféticos.

Babilônia

Neste livro, você irá encontrar uma discussão coerente e atual sobre muitas visões do livro de Daniel. Tal análise poderá ajudar muitos leitores a entenderem os eventos que irão preceder a vinda do Anticristo, no contexto de nossa presente situação mundial.

Deixa O Meu Povo Ir!

Como experimentar a Igreja viva e liberta. A volta de Jesus está próxima! Mas Sua noiva, a Igreja, não está preparada para recebê-Lo. Lamentavelmente, ela está cheia de máculas e rugas e carece de pureza e santidade. De fato, sua condição parece cada vez mais degradante. Então, o que Jesus quer fazer nesta hora? Como podemos auxiliá-Lo na mudança dessa situação? Neste livro, você encontrará uma resposta bíblica e prática para essas e outras indagações. Aqui achará uma nova visão sobre os propósitos do Deus vivo para esta última hora.

Autoridade Espiritual Genuína

Sem dúvida, a submissão à autoridade é essencial para todo crente. Mas, com tantas vozes alegando ter autoridade, como podemos saber qual autoridade é verdadeiro? Esse livro aborda o tema da autoridade espiritual sob uma nova perspectiva. Seu foco está em como podemos reconhecer a manifestação da liderança do Espírito Santo no Corpo de Cristo. É um assunto crucial para cada seguidor de Jesus.

Sementes

Essa publicação reúne 7 estudos liberados por David W. Dyer. Assuntos diferentes abordados com grande profundidade. (O Caminho de Caim, Guardar o Sábado ou Não, Três Princípios Essenciais, O Sacerdócio, As Duas Testemunhas, Não Obstante, Sobre a Base na Localidade)

LIVRETOS:***O Caminho de Caim***

Nesse livreto o autor nos mostra que o nosso “melhor” não é suficiente para agradar a Deus. Que muitos terão suas obras rejeitadas. E como o “Temor ao Senhor” pode nos guiar a produzir ofertas realmente aceitáveis.

Guardar o Sábado ou Não

Nessa publicação o autor analisa a guarda do sábado de uma forma sincera e por uma perspectiva pouco conhecida entre os cristãos atuais.

Três Princípios Essências

Em “Três Princípios Essenciais” vai descobrir que fazer parte da Igreja e experimentar o Corpo de Cristo pode ser duas experiências diferentes. Muitos membros do corpo ainda não tiveram uma experiência sobrenatural com o Corpo de Cristo e neste estudo vai conhecer os passos imprescindíveis para tal.

O Sacerdício

Em “Sacerdício” o autor chama a atenção para o chamado de cada cristão ao sacerdício, que muitos têm negligenciado e outros nunca foram ensinados sobre o assunto.

As Duas Testemunhas

Em “Duas Testemunhas” um tema curioso é abordado. Em Apc. 11: 1-15 podemos ver as “Duas Testemunhas”. Muitas suposições já surgiram, mas o autor chama a atenção ao texto original (grego), que afirma ter as “Duas Testemunhas” um só corpo (como será isso possível?).

Não Obstante

Em não Obstante o autor chama a atenção sobre o local correto de adoração a Deus que já foi tema de grandes contendas no Velho Testamento e de dúvidas para os contemporâneos de Jesus. Muitos dizem que o Senhor pode ser adorado de qualquer lugar, já que não há mais o templo em Jerusalém. Entretanto existe um local escolhido por Deus, de onde Ele quer receber sua adoração. Descubra esse lugar e desfrute.

Sobre a Base na Localidade

Nessa publicação o leitor poderá acompanhar uma análise sobre a autenticidade e autoridade Bíblica de uma doutrina, bastante difundida entre a Igreja, e conhecida como “a Base na Localidade”. Conheça a doutrina e veja como ela se comporta quando confrontada com a Bíblia. Trata-se porem de uma análise doutrinaria que em nenhum momento atenta contra aos que a defendem.

Sobre o Autor:



David W. Dyer

Nasceu em Memphis, Tennessee em 1952 (EUA).

Seu ministério é principalmente na área de ensino da Bíblia.

Ele ensinou em conferências, seminários, reuniões de igreja e escolas de Bíblia na Romênia, Nigéria, Zâmbia, Filipinas, Brasil e os Estados Unidos.

Ele viveu a experiência de contrabandear bíblias para a Hungria, Romênia e China a alguns anos atrás, quando existia a "Cortina de Ferro."

David é casado com Caroline (que todos conhecem por "Nina") e tem dois filhos: John e Lydia.

CONTATOS:

David W. Dyer

(27) 3299-3476 1-715-830-0126

Email: davidwdyer@yahoo.com

www.graodetrigo.com

(Clicar “Em Português”)

Geraldo Alexandre

(27) 3391-1273 (27) 3289-2877